

Durban se arrasta além do prazo

Referência à escravidão emperra acordo sobre texto final da Conferência contra o Racismo, que deveria terminar ontem

DURBAN, ÁFRICA DO SUL — A falta de entendimento sobre os pontos polêmicos de discussão durante a Conferência contra o Racismo, a Discriminação Racial, a Xenofobia e a Intolerância fez com que fosse adiada a apresentação do texto final do encontro, prevista para ontem. A decisão foi tomada no fim da noite, quando as delegações ainda não haviam entrado em um consenso em relação ao trecho que defendia um pedido formal de desculpas pela escravidão e o seu reconhecimento como crime con-

tra a humanidade.

O texto está sendo formulado de maneira que todos os países possam assiná-lo. “Expressões como ‘desculpas’, ‘pesar’ e ‘lamento’ estarão entremeadas para que haja um acordo”, explicou por telefone ao **Jornal do Brasil** Gilberto Saboya, o chefe da delegação brasileira em Durban. “Há uma tentativa, e uma boa chance de consenso até amanhã”, disse.

Receio — Como solução para as polêmicas em relação aos “temas do passado”, como são cha-

madadas em Durban as questões que envolvem o tráfico de escravos, os representantes da União Européia (UE) haviam anunciado um “acordo verbal” lamentando a escravidão, o que não foi suficiente para agradar as delegações africanas. Antes mesmo que se anunciasse que a conferência se estenderia por mais um dia, o ministro das Relações Exteriores da Bélgica, Luis Michel, já havia adiado sua volta a Bruxelas para ajudar a encontrar uma proposta que agrade a todos.

“Tudo isto é muito difícil. Eu

não sei se haverá um acordo. E a África perde com isto”, afirma Michel, representante do país que atualmente está à frente da presidência rotativa da UE, que resistia em pedir desculpas formais aos países vítimas do tráfico negreiro entre os séculos 16 e 19 por temer a cobrança de altas indenizações por parentes de escravos.

“Pouco importa se para alguns este arrependimento se chame ‘pesar’ e para outros, ‘desculpas’. O importante nesta conferência é o reconhecimento de uma injustiça,

e que aqueles que são de alguma forma herdeiros do passado assumam suas responsabilidades”, declarou o ministro belga, dizendo-se decepcionado por não se ter chegado a um acordo ontem.

Sionismo — A questão em torno do sionismo, que provocou protestos e fez com que as delegações americana e israelense — que já eram de segundo escalão — deixassem Durban, parece ser um problema encerrado.

Uma referência ao Holocausto, “que nunca deveria ser esquecido”,

precede no texto final um reconhecimento do sofrimento do povo palestino, “em linguagem moderada”, segundo Saboya. “Nós temos desejado contribuir para o sucesso da conferência, que pode significar que a nossa posição não seja refletiva nos resultados finais, mas este é um sacrifício que será feito por nós”, disse Munir Akram, embaixador do Paquistão na ONU, acrescentando que os Estados árabes e islâmicos ainda estão decidindo como expressar melhor suas reservas em relação ao texto.